

A felicidade está presente em um dado momento quando desejamos que ele não acabe mais, quando ansiamos que aquele momento se prolongue ao máximo no tempo. Como eu gostaria que esse instante não acabasse mais! Como sou feliz agora! E estou certo de que os amigos empossados neste ato compartilham desse sentimento comigo.

O que digo hoje é fruto da felicidade de que sou tomado por poder continuar a trabalhar nesta Casa, instituição à qual me dedico há 5 anos e na qual escolhi viver meus melhores anos.

As experiências que aqui vivenciei, o aprendizado que aqui obtive transformaram a curiosidade de um estudante de direito pelo Ministério Público no mais profundo sentimento de amor por este Órgão. Eu me sinto muito tranquilo para dizer desta tribuna o que muitos que me conhecem já sabem há muito tempo: eu amo o Ministério Público. Para que não reste a impressão de que essas são só palavras ditas sem maiores reflexões, gostaria de explicar a que me refiro mais exatamente quando digo que amo o Ministério Público.

Para isso, recorro a dois pensadores: Platão e Aristóteles.

Platão define amor de forma muito simples. Para ele, amor é desejo. Nessa perspectiva, amamos aquilo que desejamos, amamos na intensidade em que desejamos e, infelizmente, amamos somente enquanto desejamos. Platão explica logo em seguida que desejo é sempre pelo que falta. Assim, você só deseja ter o que ainda não tem; você só deseja ser quem ainda não é. Veja a constatação a que se chega: ou a pessoa ama e deseja o que ainda não tem; ou tem, mas aí já não deseja nem ama mais.

Essa definição não agrada muito porque mostra um amor sempre insatisfeito, que morre tão logo aquilo que era amado se faz presente. Se desejava comprar uma casa e a compra, já não a deseja mais e, portanto, não a ama mais. Se desejava uma pessoa e passa a estar com essa pessoa, já não a deseja mais e, assim, não a ama mais. Se desejava exercer o cargo de Promotor de Justiça e o exerce, já não o deseja mais e, portanto, não pode mais amá-lo.

Esse é o amor que os 8 empossados experienciamos em relação às funções do Promotor de Justiça até hoje. Até aqui, desejávamos vigorosamente ser Promotores de Justiça. A angústia desse desejo insatisfeito é exatamente o que torna tão difícil a espera para o exercício do cargo almejado.

Além de nós, as pessoas que conosco estiveram durante esse período de preparação também são afetadas. Por isso, não podemos, nesse momento de vitória, nos esquecer de vocês que, em alguma medida, fizeram sacrifícios por nós. Seja porque se mantiveram firmes ao nosso lado durante os momentos de dificuldade, seja porque tivemos de nos ausentar de seu convívio para nos dedicarmos à realização desse sonho.

Nesse sentido, eu agradeço aos meus pais, Ernesto e Luci, que me ensinaram sobre amor e caráter, características pelas quais eu hoje pauto a minha vida. Agradeço o apoio da minha irmã e de seu esposo, Andréia e Eduardo. Também agradeço a minha amiga, a Promotora de Justiça Yara Vellozo Teixeira, com quem trabalhei por mais de 3 anos e por quem eu tenho profunda admiração. Sua sensibilidade, sua força e sua generosidade vão me influenciar positivamente para sempre.

O Rafael Leandro agradece aos pais, José Mauro e Mara, às irmãs, Lisandra e Andreia, e à esposa, Patrícia.

O Rodrigo lembra de seus pais, Lúcia e Mauro, e dos tios, André e Ana Rosa.

O Leonel dá destaque à avó Avani, aos pais, Irineu e Neusa, à esposa, Ana Cláudia, e aos irmãos, Leonardo e Ana Paula.

A Jediael agradece a sua família e aos amigos presentes. Jediael, aliás, já trabalha no Ministério Público há mais de três anos.

O Leonardo agradece a sua mãe, Maria José, e a sua esposa, Flavia.

O Fernando se recorda de sua mãe, Cecília, e a memória de seu pai, José.

O Jullyer agradece a todos seus convidados, pois tem cada um como parte de sua família.

Um pouco de cada uma das pessoas mencionadas se reflete em nós, em quem nós somos hoje. E, para vocês, prestamos aqui nossa homenagem.

Mas a difícil espera é vencida hoje. Isso significa que, a partir desse momento, o amor se tornará impossível? Se amor é desejo e este só é viável na falta, passa a ser impossível desejar e amar o ofício ministerial, já que ele hoje se torna uma realidade para nós?

Não. Porque, a partir desse momento, passaremos a desfrutar do amor

à moda de Aristóteles.

Se, em Platão, o amor é o desejo pelo que falta, para Aristóteles, amor é a alegria pelo que está presente. O amor de Aristóteles é pela casa que é a sua e não por aquela anunciada na internet, o amor de Aristóteles é pelo carro que é o seu e não pelo carro na concessionária, é pela esposa que é a sua, é pelos filhos que são os seus, é pelo trabalho que você já exerce. O amor de Aristóteles é, portanto, uma reconciliação com o mundo como ele é. Esse amor é a alegria pelo que já está diante de nós.

É esse o amor que eu sinto pelo Ministério Público.

E faço votos de que as pessoas que aqui trabalham também sintam esse amor, independentemente das funções que exerçam. A nobreza das finalidades deste Órgão deve nos animar a perseguir fervorosamente o cumprimento das nossas missões individuais. É dessa forma que o Ministério Público se fortalecerá como Órgão de transformação social. É assim que nos orgulharemos cada vez mais por trabalhar nessa Instituição que goza, a cada dia que passa, de mais respeito e admiração da sociedade.

Se esse amor estiver presente em nós que aqui trabalhamos, vamos adotar sempre o comportamento mais adequado. Vamos atender o público com paciência, procurar soluções com dedicação, exercer com perfeição nosso dever. Santo Agostinho dizia: "Ame e faça o que quiser". Claro, porque, se amamos, adotaremos o comportamento que convém. Se há amor, não precisamos pensar se agiremos ou não com generosidade, tolerância, fidelidade, paciência. Quando existe amor, nossas ações naturalmente refletem todas essas qualidades positivas.

Ocorre que o amor é um sentimento, é um reflexo afetivo a um estímulo do mundo. E, justamente por ser um sentimento, o amor se encontra fora do domínio pleno da razão. Não escolhemos quem amar. Da mesma forma, não elegemos racionalmente o trabalho que amamos fazer. Se é assim, o amor oscilará positiva e negativamente, a depender dos estímulos que o mundo nos apresenta e das nossas reações afetivas a tais estímulos, o que ocorrerá independentemente de uma escolha racional de nossa parte.

Um plenário perdido, um recurso desprovido, um acordo fracassado, uma derrota em demanda de interesse social, um crime cuja solução não se desvenda: esses são exemplos de alguns dos diversos percalços que são parte do ofício ministerial. São estímulos do mundo que podem fazer oscilar negativamente esse sentimento de amor de que hoje falo de maneira tão vívida.

O que ocorrerá nesses momentos em que o amor não for bastante para sustentar uma atuação impecável da nossa parte? Nessas ocasiões, teremos de fazer uma escolha racional no sentido de continuar a adotar o mesmo comportamento de quem ama, apesar de enfraquecido ou mesmo ausente o sentimento de amor. Isso se faz por meio das virtudes morais. É o que Immanuel Kant chama de amor prático: “se não ama, faça como se amasse”.

Por isso, a ética é a imitação do comportamento de quem ama. Mas uma distinção é fundamental. Quem ama o Ministério Público age de maneira dedicada, generosa, obstinada, firme e fiel porque nem mesmo cogita agir de modo diverso. Suas ações são impulsionadas instintivamente por esse sentimento.

Quem não ama poderá também agir com dedicação, generosidade, obstinação, firmeza e fidelidade, mas como consequência de uma escolha racional. Eis a grande diferença. Amor nada tem a ver com razão e não é controlável pela vontade; por outro lado, o comportamento ético é fruto de deliberação racional. Em outras palavras, agir eticamente só depende da vontade.

Com certo idealismo, eu torço para que esse sentimento de amor esteja sempre presente em todos os que se dedicam ao Ministério Público. Mas, se esse sentimento fraquejar em alguma ocasião, que nós tenhamos a grandeza de escolher, racionalmente, continuar a agir como quem ama.

Durante a maior parte do tempo em que trabalhei nesta Casa, voltei minha dedicação para processos envolvendo o Tribunal do Júri. Ali, vemos o ser humano em seu estado mais cru. Lembro, por exemplo, de um caso em que uma pessoa agiu com crueldade suficiente para desferir 48 facadas contra uma vítima. Em outra ocasião, eu me recordo de um indivíduo que matou outro em virtude de uma dívida de 1 real. Casos como este evidenciam profundo desprezo pela vida humana e nos causam indignação.

Imagine que você é escalado para fazer esse plenário no Tribunal do Júri. Você estuda o processo durante uma semana em todos os seus detalhes. Lê e relê os autos. Grifa as partes de maior destaque. Tem decorados os depoimentos mais relevantes. Não dorme nas noites que precedem ao plenário. Sua esposa ou seu esposo já não sabe mais o que fazer para que você se tranquilize um pouco...

Mas o dia chega. Segunda-feira, 9 horas. Você está no lugar certo, na hora certa, fazendo a coisa certa, porque ama o que faz. E aquele plenário é muito difícil. Você argumenta, se exalta, briga, grita. Você coloca seu coração em cada palavra. Naquele momento, aquele plenário é a sua vida.

Veredito popular. 4 a 3. Réu absolvido contra o pedido do Ministério Público. O que você faz? Depois de apelar, claro...

Você volta ao seu gabinete, pendura sua toga, senta-se à mesa, pega nas mãos o próximo inquérito policial. Como você vai analisar aquele inquérito depois da frustrante derrota que acabou de sofrer?

É possível olhar a questão sob dois pontos de vista. O primeiro: apesar daquele plenário que ainda martela sua cabeça, você ainda ama o que faz e se dedica ao novo processo com o mesmo afincamento com que se dedicou àquele plenário. A segunda opção: o seu sentimento é enfraquecido, mesmo que temporariamente, mas você decide agir da mesma forma porque sabe que esse é o certo a se fazer. Pelo amor ou pela ética, a sua ação é exatamente a mesma: você se dedica ao novo processo com o mesmo afincamento com que se dedicou àquele plenário!

Cada peça processual é a última peça processual!
Cada audiência é a última audiência!
Cada plenário é o último plenário!

Convido todos os que aqui trabalham e os que ingressam hoje nessa Instituição a viverem esse sentimento e esses valores. Que eu tenha conseguido compartilhar com cada um de vocês a semente desse amor pelo Ministério Público que em mim transborda.

Muito obrigado!

Tiago Fonseca Moniz.